

Escrita automática sobre as tomadas de decisão que o mundo cria e coloca à nossa frente por vias de expectativas e responsabilidades.

O que se vê é muito diferente do que se sente. O que é dito pode não fazer sentido. Cuida do que não sabes cuidar e faz-te cuidado para as mãos que deixam o mundo cair. Sair e romper não é permitido. O que me permite permanecer. Quando rompo o cuidado desaparece. A transparência também. O cuidado e a transparência. Tudo o que não se faz cuidado entra com a força da imposição, que se torna uma erva daninha, que fica. Não morre. A vontade de ser escutada está de mãos dadas com o que não consegue ser dito. Tudo o que não se faz cuidado não deve ser dito. O cuidado e a prisão são amantes. Na manta que utilizamos para cobrir o corpo estão bordados os olhos que não conseguem falar. Os olhos falam. Tudo o que não se faz cuidado não deve ser visto. E o que não é para ser visto, destaca-se no lugar onde nenhum de nós está.

Escrita automática sobre como eu gostaria que fosse

A vez que não se repete e é sentido. O que foi único ao corpo com transparência do que foi dito - o dizer. O dizer e o escutar. Aquilo que chegou a um corpo foi, com certeza, dito com o cuidado que tanto falta. Nada pode retirar o cuidado que cada corpo chama, ao falar. Aquilo que é falado e escrito em ondas para sempre. Todos agarramos as ondas. Alguns não, enganei-me. Alguns agarram as ondas, outros são agarrados por elas e, outros ainda se colocam sobre essas ondas que não são as mesmas de todas as vezes que aparecem. Eu acho que quando aparece uma onda, parece igual. Mas não é. Então, não é possível que se viva da mesma forma. Que coisa curiosa. Ter que viver a descobrir como abordar uma onda de cada vez. É olhar e perceber se me vou lançar para a sua crista. É lá que me vêm. Mas eu estou a sair agarrada pelos braços da Úrsula, que são muitos e eu não sabia.